



LUTAS NA CIDADE: O MARACATU NAS MANIFESTAÇÕES EM MANAUS

Vinícius Gomes Mesquita

Graduando em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Brasil
vinicius.mesquita@ufam.edu.br

Paola Verri de Santana

Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), Professora da
Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Brasil
pvsantana@ufam.edu.br

RESUMO – O maracatu de baque virado é uma das manifestações populares que deixam de lado algumas tradições e se modificaram com o tempo e o espaço. O que antes era expressão cultural afro-brasileira de Pernambuco, no período atual alcança escala internacional por meio dos ativismos sociais da contemporaneidade. É através dos tambores que ecoam nos espaços públicos, que o povo expressa suas necessidades, expondo vulnerabilidades dos contextos sociais que vivenciam nas diversas cidades brasileiras. Os maracatus manauaras, grupos inseridos na cena cultural, evidenciam limitações nas políticas públicas nessa área da vida urbana amazonense. Para isso, o objetivo do presente artigo é trazer uma discussão referente a espacialização e significado das manifestações e atos políticos onde os maracatus Eco da Sapopema, Baque Mulher e Pedra Encantada participaram efetivamente na ocupação dos espaços públicos. A investigação tomou como base a vivência e a observação participante dos pesquisadores envolvidos, além de coletar dados em redes sociais e matérias jornalísticas, para uma sistematização de registros e realização de um mapeamento das espacialidades ocupadas durante essas manifestações. A pesquisa identificou as transformações dos maracatus, que se organizam no ativismo e mostrou como se inseriu no cotidiano, em especial, no centro de Manaus.

Palavras-chave: Amazônia; Ativismo; Cidade; Espaço; Maracatu.

STRUGGLES IN THE CITY: MARACATU IN THE MANIFESTATIONS IN MANAUS

ABSTRACT – Maracatu is one of the popular manifestations that is getting distance from its traditions and changed over time and space. What was once an Afro-Brazilian cultural expression in Pernambuco has now reached an international scale through contemporary social activism. It is through the drums that echo in public spaces that people express their needs, exposing the vulnerabilities of the social contexts they experience in the various Brazilian cities. The maracatu in the city of Manaus, groups that are part of the cultural scene, highlight the limitations of public policies in this area of urban life in the Amazon. To this end, the aim of this article is to discuss the spatialization and significance of the political manifestations and acts in which the maracatu Eco da Sapopema, Baque Mulher and Pedra Encantada effectively participated in the occupation of public spaces. The research was based on the experience and participant observation of the researchers involved, as well as collecting data from social networks and news articles, in order to systematize the records and map the spatialities occupied during these manifestations. The research identified the transformation of the maracatu, which are organized in social activism in the city, and showed how they have become part of everyday life, especially in the center of Manaus.

Keywords: Amazon; Activism; City; Space; Maracatu.



INTRODUÇÃO

Uma diversidade de atividades culturais se apropria dos lugares da cidade como ruas, praças e orlas, essas atividades são carregadas de elementos simbólicos que animam desfiles, encontros e manifestações que constituem uma expressão importante de grupos sociais que apresentam diferentes territorializações e se envolvem em diferentes lutas, apontando seus contextos históricos e as contradições da sociedade.

Dentro desse contexto, chama-se atenção para o maracatu, aqui caracterizado como uma expressão cultural e religiosa de origem afro-brasileira, proveniente do estado de Pernambuco, datada do século XIX. O maracatu-nação possui importante papel nas festividades do carnaval recifense, com raízes na religião do candomblé, o maracatu, também chamado de baque virado, por muito tempo, foi praticado somente por unidades familiares ligadas a terreiros.

O maracatu não apresenta uma manifestação espacial restrita apenas ao estado de Pernambuco, em vários estados e cidades brasileiras ocorrem manifestações de suas práticas por meio de grupos sociais (SANTANA, 2012). Essa dispersão do maracatu de baque virado é decorrente do sucesso midiático do movimento “Mangue Beat”, iniciado por Chico Science, que popularizou o maracatu entre jovens de classe média de várias regiões do Brasil, isso o fez perder a ligação com os ritos dos terreiros, o que modificou suas práticas tradicionais e implicou numa “modernização” do mesmo.

Esse contexto midiático não é o único elemento que ajuda a explicar a difusão e presença do maracatu em outras cidades brasileiras e na Amazônia, devendo, de início, mencionar que a formação socioespacial marcada por fluxos com o transporte de escravos entre o continente africano e sul-americano, dispersão de diversos grupos de povos negros no país em decorrência da estrutura agrária colonial, são aspectos relevantes que nos ajudam a compreender essa presença cultural nas cidades.

Com este histórico social e de relevância da manifestação cultural do maracatu no país, este texto tem como objetivo analisar a atuação dos grupos de maracatu da cidade de Manaus, em eventos e manifestações políticas, entre 2016 e 2023, no intuito de entender como o maracatu se modifica quanto à sua tradicionalidade, quando praticado fora do recorte espacial pernambucano.

A pesquisa tem caráter observacional e descritivo. A revisão da literatura no campo das Ciências Geográficas consistiu na busca pelo entendimento da dinâmica cultural, política e urbana. As prévias experiências e vivências dos pesquisadores contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa. Para recuperar a história da chegada dos maracatus em Manaus, foi necessário ampliar o recorte temporal dessa atividade, que remete ao ano de 2009 para os dias atuais, na medida em que busca a memória dos primeiros integrantes e grupos que se formaram na cidade.

A pesquisa realizada na cidade de Manaus propiciou identificar que a primeira manifestação do maracatu na cidade ocorre em 2009, através da criação do Grupo Eco da Sapopema, correspondendo em uma modernização do maracatu-nação, posteriormente também sendo criados os maracatus Quebra Muro e Cacilda que possuem atividades intermitentes e reuniões esporádicas, ficando até mesmo paralisados por alguns meses, portanto, não foram abordados nesta pesquisa.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O arcabouço metodológico desta pesquisa se apoia no caráter observacional e descritivo. O estudo tomou como base pesquisas bibliográficas em livros e periódicos acadêmicos para



viabilizar a construção de um trabalho que estabeleça um diálogo entre a Geografia, a cultura, a política e os estudos urbanos. Matérias jornalísticas e páginas de redes sociais foram úteis na sistematização dos atos e manifestações políticas, reconstituindo o que aconteceu durante o período em estudo.

Além disso este trabalho também se baseou na pesquisa de campo como participante, visto que muitas das observações feitas são advindas das vivências na cidade de Manaus. “A observação participante é fundamentalmente uma postura adotada pelo pesquisador em campo, enquanto na pesquisa participante há envolvimento do pesquisador ou mediador com os interesses da comunidade ou grupo envolvido na questão” (HEIDRICH, 2016, p. 25).

Para viabilizar o alcance dos objetivos, os procedimentos metodológicos adotados foram: revisão bibliográfica; coleta de dados nas redes sociais e matérias jornalísticas; sistematização da memória; trabalho de campo, buscando a vivência conforme a participação dos maracatus nas manifestações da cidade de Manaus; mapeamento dos espaços públicos ocupados durante as manifestações em que os maracatus participaram.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O maracatu-nação e o maracatu como grupo percussivo

O maracatu-nação ou maracatu tradicional praticado em Pernambuco, apresenta uma série de elementos sociais, raciais, culturais e religiosos em sua gênese. Um fator que evidencia tais elementos é o uso do termo “nação”, que é utilizado quando a prática do maracatu obedece às liturgias de um terreiro de candomblé. Assim, o maracatu-nação configura-se não só como um festejo musical percussivo do carnaval pernambucano, também como uma forma de expressar uma identidade religiosa pertencente a uma população de maioria negra, que está inserida no contexto das matrizes religiosas afro-brasileiras.

Tão presente é o candomblé no cotidiano das comunidades onde se encontram as nações de maracatu, que muitos de seus batuqueiros são filhos de santo no terreiro onde a nação está vinculada. Antes, durante e após os desfiles carnavalescos, os batuqueiros obedecem a preceitos, e participam de rituais específicos da liturgia candomblecista, visando a proteção da nação enquanto estiverem com os tambores na rua.

Este maracatu é constituído de uma corte real da qual fazem parte rei, rainha, príncipes e princesas, além de damas da corte, embaixadores etc. Integram ainda o cortejo real algumas figuras emblemáticas, tais como a dama do paço, que carrega a boneca (ou calunga), o pálio, que protege rei e rainha, e o estandarte. Esse cortejo é acompanhado por um conjunto musical formado por instrumentos de percussão, denominado de batuque (bombos, caixas de guerra, tarol, gonguê e mineiro) (GUILLEN, 2007, p. 236).

A presença de uma corte real, não só remete aos festejos de coroação dos reis do Congo, como também reforça a religiosidade intrínseca na presença de figuras como a calunga, espécie de boneca considerada como o elemento mais sagrado do maracatu-nação, que também nos faz perceber que o maracatu é um culto aos antepassados, onde a ancestralidade é fundamental.

A princípio, há concordância de que o Maracatu-Nação tem uma boneca, com poderes e funções para a prática do culto afro-religioso. Esse objeto sagrado revela que o Maracatu não é um brinquedo qualquer. O “folgado de carnaval” se apropria de um fetiche religioso, uma divindade dos antepassados, atribui símbolo aos negros mortos nos navios negreiros (SANTANA, 2012, p. 65).



Parte das questões dessa pesquisa reside na ideia de que após o processo de popularização do maracatu de baque virado, sua disseminação nacional e global, o festejo adquire outras dinâmicas, sua prática é realizada sob outros contextos e espacialidades além daquelas encontradas em Pernambuco. Logo, o maracatu como mero grupo percussivo, é aquele que não possui todos os fatores culturais e religiosos do maracatu-nação.

A chegada dos maracatus em Manaus é posterior a existência do movimento negro e afro-brasileiro religioso, político e simbólico nessa cidade, mas esses últimos de certo modo acabaram acolhendo os grupos de baque virado que se formaram ao longo de 15 anos de história. O maracatu tem sido convidado para participar da caminhada contra a intolerância religiosa conhecida como Balaio de Oxum, de feijoadas típicas do orixá Ogum, de festividades do quilombo urbano de São Benedito, entre outros. Isto ocorre porque a origem dos maracatus manauaras se dá em outros moldes, diferentes dos quais o maracatu-nação surge no Nordeste. O Eco da Sapopema, o grupo de maracatu mais antigo da capital amazonense, fundado em 2009, não teve sua gênese dentro de um terreiro, muito menos obedeceu a liturgia do candomblé em seu início, tal característica também é observada em todos os outros maracatus da cidade de Manaus, que tiveram fundação posterior.

Um dos fatores que possibilita o entendimento das diferenças culturais e religiosas entre Manaus e Pernambuco defendidas acima se dá através da análise das composições das loas e toadas do grupo Eco da Sapopema, que evidenciam uma perda de elementos presentes nas composições das nações pernambucanas. Usemos como exemplo uma toada pertencente à centenária Nação de Maracatu Porto Rico, fundada no Recife em 1916, em comparação com outra de autoria do Eco da Sapopema a seguir:

Quadro 1. Comparação entre toadas.

Nagô é Minha Nação	Sapopema Ecoou
<p>A minha Nação é nagô A vocês eu vou apresentar Sou da Nação Porto Rico Faço no apito os tambores falar Salve o rei, salve a rainha Salve a corte imperial Embaixador pedindo passagem Imperador me amstre o sinal Vem chegando boneca de cera Baiana faceira a desfilar Sou da Nação Porto Rico Faço no apito os tambores falar Que coisa tão linda é a Dama de Paço Caboclo Lanceiro e o Rei Amá Sou da Nação Porto Rico Faço no apito os tambores falar</p>	<p>Sapopema ecoou Vem lá do Norte o tambor Vou saudar a minha tribo Dá licença meu senhor Uma parte é do Norte Outra parte vem do Sul Salve a tribo reunida Vim trazer Maracatu</p>

Fonte: Sites da Nação Porto Rico e do Eco da Sapopema, respectivamente.

Através da comparação, pode-se perceber que figuras da corte real como a dama de paço ou o caboclo lanceiro, presentes nos cortejos do maracatu-nação, sequer são citadas nas toadas dos maracatus manauaras. Também observamos que a repetição do trecho “sou da Nação Porto



Rico”, indica um desejo de afirmar um sentimento de pertencimento com o lugar, o terreiro onde a Nação Porto Rico está localizada.

Em outra ação comparativa, no trecho “uma parte é do Norte, outra parte vem do Sul” percebemos a expressão de um sentimento de pertencimento dúbio, isso evidencia que o Eco da Sapopema tem como base, raízes diferentes das do maracatu tradicional de Pernambuco. Vale ressaltar que dos três grupos escolhidos nesta pesquisa, o Eco da Sapopema é o único que possui composições próprias, os Maracatus Baque Mulher e Pedra Encantada apenas reproduzem as toadas do Recife.

Logo, se o maracatu mais antigo da cidade de Manaus não surge dos mesmos contextos culturais, étnicos, religiosos e políticos que as nações de Pernambuco, é compreensível que seja praticado de forma diferente. Por ser o mais antigo, o Eco da Sapopema formou muitos batuqueiros ao longo dos seus quase 15 anos de história, batuqueiros esses responsáveis por fundar outros grupos, tais como o Baque Mulher Manaus e o Maracatu Pedra Encantada, ambos fundados em 2016, que também não apresentam as características do maracatu-nação citadas acima.

Apesar das diferenças, a própria existência do maracatu, independentemente de ser tradicional ou não, já indica um contexto político, pois sobrevive à historicidade de um país escravista e racista.

A presença africana que o maracatu expressa em Pernambuco não é uma simples reprodução de suas danças e músicas. A condição predominante da emigração dos africanos de suas terras e tribos, é a de um movimento compulsório explicado pelo escravismo colonial que acompanhou o desenvolvimento do capitalismo mercantil (Santana, 2012, p. 105).

Desse modo, “As heranças da cultura africana chegaram escravizadas ao Brasil e resistiram enquanto riquezas para si e para outrem, com o duplo sentido da troca colonialista” (Santana, 2012, p. 113). Se estamos discutindo uma manifestação cultural proveniente de identidades africanas, o simples vibrar dos tambores do maracatu já indica um ato social e político.

Mesmo sendo praticado fora do contexto histórico do Brasil Colonial, o maracatu expressa nos dias atuais uma resistência comum à de seus ancestrais: a luta contra o racismo e a intolerância religiosa. Portanto, nos resta entender como o maracatu em Manaus acontece, quais seus locais de encontro, como o lugar influencia na sua prática, e como os sujeitos sociais se apropriam dos espaços públicos através dele.

Uma parte é do Norte outra parte vem do Sul

De certa forma, podemos perceber através das toadas, que as diferentes espacialidades dos maracatus, influenciam as suas dinâmicas e suas práticas. O espaço, ao reproduzir as diferenças e resistências que não restauram relações sociais anteriores, acaba por recriar essas mesmas relações em outras dimensões (OLIVEIRA, 2000). Para entendermos esse processo, é necessária uma abordagem histórica do surgimento da prática do maracatu na cidade de Manaus, mais uma vez tomamos por exemplo o contexto em que o grupo Eco da Sapopema iniciou suas atividades.

Durante a concepção desta pesquisa, pensava-se que o maracatu em Manaus tivera sua gênese em 2009 a partir do grupo Eco da Sapopema, porém, o maracatu já vinha sendo praticado no ano anterior. Em 2008, o primeiro apito (coordenador) do grupo, chegou em Manaus, para um estágio no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Esse pioneirismo em Manaus veio através de pessoas que aprenderam a batucar no Sudeste brasileiro. Portanto, a aprendizagem no tocar maracatu iniciada em 2004, durante as oficinas abertas do Maracatu Bloco de Pedra, grupo percussivo localizado na cidade de São Paulo, foi a experiência vivida pelo primeiro apito que posteriormente migrou para Manaus.



Ainda em 2008, esse imigrante partiu da capital paulista e se juntou a duas amigas, num sentimento de saudade comum, unem-se para tocar maracatu na cidade de Manaus apenas como forma de diversão. O lugar escolhido para as oficinas iniciais de maracatu, foi uma república do Parque Residencial Acariquara, localizado no bairro Coroado, Zona Leste de Manaus. Importante ressaltar que essas primeiras oficinas foram realizadas como uma brincadeira descontraída entre amigos, consistia em tocar o maracatu de baque virado, sem nenhuma intenção posterior.

Outra questão importante é a forma precária como a prática começou. Uma integrante havia deixado um bumbo em Porto Alegre e o outro havia deixado um agbê em São Paulo, portanto, os dois retornam às suas cidades de origem temporariamente e trazem seus instrumentos para Manaus. Tal situação se deu pela necessidade do início das oficinas que estavam sendo exercidas sem os instrumentos próprios do maracatu, osicineiros estavam usando surdos de escolas de samba, por exemplo, descaracterizando ainda mais os elementos presentes no maracatu tradicional. É válido mencionar que a terceira amiga do trio de batuqueiros fundadores, se solidarizou com a causa do baque virado manauara, trazendo três bumbos do Recife para Manaus, na tentativa de contribuir com as oficinas.

Após certo período, o maracatu começou a ser mais divulgado entre um círculo restrito de pessoas vinculadas ao INPA. Com as oficinas sendo oferecidas constantemente, logo ocorreu a necessidade de mudança do local dessa atividade. Dessa forma, as oficinas, abertas para qualquer público, passaram a ser oferecidas pelos batuqueiros iniciantes, às quintas-feiras, entre 19 e 22 horas no Espaço Cultural Muiraquitã, localizado no bairro Aleixo, próximo ao Estádio Municipal Carlos Zamith. Esse local fica na Rua Cumucim, no Conjunto Petros, no limite com o bairro do Coroado, porém um tanto distante do antigo ponto de encontro onde os batuqueiros que iniciaram o Eco da Sapopema.

Outra pessoa importante no processo de consolidação do grupo Eco da Sapopema foi um batuqueiro que já participava de um grupo de maracatu na cidade de Araraquara, interior do estado de São Paulo. Ao migrar para Manaus, trouxe em sua mudança dois bumbos e dois agbês, posteriormente, os adicionou aos outros instrumentos do grupo. Além da adição desses instrumentos, também possuía mais conhecimento acerca da manutenção dos mesmos, como a troca de couro dos bumbos e a construção dos tambores, contribuindo de forma mais técnica à brincadeira manauara.

É somente em novembro de 2009, em alusão ao Dia da Consciência Negra, no Quilombo Urbano de São Benedito, que o Maracatu Eco da Sapopema sai em cortejo pelas ruas de Manaus pela primeira vez. Nesse período, os batuqueiros do grupo tocavam as toadas da Nação Estrela Brilhante do Recife, Nação Leão Coroado, Nação Estrela Brilhante de Igarassú e Nação Porto Rico. Dois anos após o primeiro cortejo do grupo, o primeiro apito deixa Manaus, passando a coordenação para o segundo apito do Eco da Sapopema.

De certa forma, o maracatu em Manaus se origina a partir de uma brincadeira saudosista de um grupo de amigos, que já tocavam maracatu em outros lugares fora do recorte espacial tanto da cidade do Recife como de Manaus. Nem mesmo a formalização do grupo como movimento cultural e artístico era almejada, os batuqueiros só queriam reproduzir o baque virado de maneira descontraída, sequer pensavam que o grupo se consolidaria e estaria na ativa até os dias atuais. Essa nova geração de maracatus de baque virado demonstra liberdade de expressão dentro do espaço urbano. O caso do maracatu em Manaus remete ao “vivido a partir do contexto de interação entre sujeitos com percepções diferentes [que] redefinem os sentidos de fazer maracatu” (SANTANA, 2012, p. 52).

Este recorte histórico na pesquisa é fundamental para se compreender as dinâmicas de origem e de prática que diferem o maracatu nação do que pode ser chamado de “maracatu dos



brincantes”. Como foi dito ao longo deste tópico, o maracatu em Manaus, apesar de ser da Região Norte, não se iniciou pelas mãos de nortistas. Em Pernambuco, o maracatu-nação se origina na religiosidade afro-brasileira dos terreiros de Candomblé, o que não acontece em nenhum dos grupos percussivos de Manaus. Diante de tais configurações, é possível entender que a falta de um direcionamento religioso ou étnico nas práticas dos maracatus manauaras dá margem para que os batuqueiros levantem outras bandeiras dentro de seus grupos. Isso se dá pelas práticas individuais e coletivas, pela cultura, pela ideologia, pela forma como eles vivenciam o espaço (OLIVEIRA, 2003).

A dimensão humana dos maracatus consiste nessa multiplicidade de aspectos da vida, desde o religioso ao político. Se em Pernambuco a religiosidade parece mais evidente, em outros lugares novas demandas podem induzir transformações e recriações dessa mesma expressão cultural. “A possibilidade de pensar o homem por inteiro em sua dimensão humana e social, se abre também para o imprevisto, criando cada vez mais novas possibilidades de resistir e intervir no mundo de hoje” (CARLOS, 2007, p. 13). Na medida em que as pessoas vivendo no Amazonas se apropriam do espaço urbano tendem a construir suas próprias práticas de acordo com suas próprias circunstâncias.

Os batuqueiros se sentem livres para transformar o maracatu numa ferramenta evidenciadora de seus ativismos, portanto, a cultura, a religiosidade, aquilo que é simbolicamente intrínseco ao maracatu-nação se mistura a outros movimentos defensores de diversos grupos sociais considerados “minorias”. Em outras palavras, “novos comportamentos se constroem sob novos valores a partir da constituição do cotidiano” (CARLOS, 2007, p. 13).

O maracatu se torna uma polifonia de vozes e tal mistura de ativismos é tida como fator determinante da motivação encontrada pelos batuqueiros, de tornar-se participante desse movimento. O corpo em movimento, a medida em que toca o tambor e ocupa espaços-tempos definidos por atos políticos, é apresentado para todos como integrantes de manifestações na cidade, de modo que para o sujeito “É através de seu corpo, de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo” (CARLOS, 2007, p. 17).

O ativismo através dos tambores

O estudo das práticas socioespaciais em meio urbano requer pensar que a cidade é uma estrutura, onde as relações sociais que nela se produzem não são homogêneas, e estão em constante processo de conflito que influenciam o modo de vida e o cotidiano de seus habitantes. As desigualdades presentes no tecido urbano, as imposições do Estado quanto ao acesso de determinados lugares, por exemplo, o abandono dos espaços públicos das áreas mais pobres da cidade, são elementos percebidos e vividos pelos sujeitos sociais que ocupam a cidade. Com esse entendimento, é possível concordar com Lefebvre (1991b) que o espaço, além de tender a homogeneização, reproduz-se por meio da fragmentação e hierarquização.

É no cotidiano que podemos reconhecer as diferentes experiências urbanas dos indivíduos. A influência que as experiências urbanas exercem na vida dos cidadãos, marcam seus modos de vida, gerando diversidade de ideias e formas de viver o urbano.

Por óbvio, esta condição heterogênea demanda a presença no espaço da cidade de indivíduos que carregam consigo traços múltiplos, mas particulares, de interação com o modo de vida urbano, operando diversas bases de associação, crenças e sistemas de significados sobre a materialidade do espaço em que constroem diferentes noções de cotidiano e de futuro comum no âmbito das cidades e em relação às suas instituições (DOMINGUES, 2015, p. 93).



As relações sociais não são homogêneas, a pluralidade de ideias e a “polifonia de vozes” (DOMINGUES, 2015) através dos tambores do maracatu em Manaus também não são, no entanto, os batuqueiros ainda se mobilizam para participar dos atos que os convém.

O maracatu passa a constituir um dos momentos da vida urbana dos integrantes destes grupos e daqueles que assistem ou, de alguma maneira, interagem e observam o som dos tambores, suas toadas, performances e diferentes formas de envolvimento com as lutas na e da cidade. Estas práticas se inserem na vida cotidiana, pois obedecem às condições estabelecidas no cotidiano. Cada batuqueiro precisa decidir se quer e pode ou não participar de uma manifestação, seja por compartilhar as mesmas causas das lutas sociais em questão para a cada ocasião, seja por ter disponibilidade de tempo devido as atividades que exerce rotineiramente (por exemplo: trabalho, universidade, saúde, etc.), ou por quaisquer outras razões pessoais, coletivas, enfim. Com frequência alguns batuqueiros lamentam por ter que deixar de participar de uma manifestação devido a outros afazeres impostos na rotina de cada dia. Ademais, essas questões cotidianas são responsáveis pela rotatividade de batuqueiros dentro dos grupos. Portanto, concorda-se com Lefebvre que “É no cotidiano que se tem prazer ou se sofre” (1991a, p. 27), ideia também destacada em Oliveira (2000, p. 107), quando revela um espaço-tempo da sobrevivência no mundo moderno. Oliveira (2000, p. 107) continua completando que “se vive e se busca mecanismos que possibilitem a reprodução de uma nova vida não só econômica, mas social e cultural”. Os indivíduos estabelecem relações entre si, formando grupos, mas com o espaço também, o ocupando como forma de resistência às políticas do Estado.

Segundo Martins (2015), temos como movimento social uma expressão utilizada para caracterizar mobilizações políticas envolvendo diferentes pessoas. No entanto, os ativismos nos maracatus de Manaus são efêmeros, portanto, não demonstram haver a continuidade e a persistência encontrada em movimentos sociais de maior expressividade. Os integrantes destes maracatus não são os líderes que convocam e idealizam as manifestações que participam.

O maracatu, por ser uma expressão que não pode ser executada na totalidade de sua “orquestra” por um único indivíduo, acaba sendo ambiente de sociabilidade, onde existem várias pessoas cujas pautas e militâncias individuais acabam se misturando a reivindicações identitárias do movimento negro, presentes originalmente nos maracatus pernambucanos.

Portanto, na modernização dos grupos de maracatus ao redor do Brasil e do mundo, a luta feminista, a luta pelos direitos da comunidade LGBTQIA+, a luta pela educação, dentre outras, também passam a ser levantadas através da musicalidade do baque virado. Em Manaus, essa diversidade de bandeiras e ativismos costuma ocorrer majoritariamente no centro histórico da cidade, região sul, mais precisamente nas Praças da Saudade (cujo o nome oficial é Praça 5 de Setembro), do Congresso (praça Antônio Bittencourt) e no Praça de São Sebastião.

O maracatu de baque virado em Manaus, praticado pelos grupos Eco da Sapopema, Pedra Encantada e Baque Mulher possibilita que os batuqueiros integrantes reivindiquem socialmente valores de igualdade, num desejo de se tornarem sujeitos ativos na construção das políticas públicas voltadas para a diminuição das desigualdades sociais, vividas no cotidiano da cidade de Manaus. Apesar do perfil dos batuqueiros não ter sido objeto dessa investigação, é possível afirmar que suas características socioeconômicas são heterogêneas de modo que ora se identificam ora são simpatizantes das causas que reivindicam. Isso tem algumas implicações, uma delas é cada grupo não possui uma sede própria ou espaço fixo para realizar suas atividades, o que explica parcialmente sua itinerância.

Essa discussão suscita revelar a lógica da espacialização dos maracatus em Manaus. A rotina dos maracatus depende muito de encontrarem espaços cedidos, condição necessária para realizarem ensaios e oficinas, principalmente. No caso das manifestações, os espaços costumam ser os estratégica e tradicionalmente escolhidos para esse fim, em geral, no centro da cidade de



Manaus, locais como os acima indicados. Avenidas e ruas são percorridas como foi feito o trajeto saindo da praça da Saudade dando volta para o do Congresso. “São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, passeia, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso” (CARLOS, 2007, p. 18). Assim, frequentar e ocupar os espaços ao bater é uma forma de apropriação que se firma por meio do corpo presente e percebido pelos outros.

Os grupos manauaras de maracatu se juntam às manifestações políticas por vontade própria de seus batuqueiros participantes, por vivências pessoais, por acreditarem naquilo que é defendido nas manifestações, mesmo que nem sempre de forma homogênea. É preciso buscar a compreensão do vivido enquanto dimensão da espacialização da vida (Oliveira, 2003). Seja o grupo por completo de modo a colocar seu nome na avenida com seu estandarte, ou batuqueiros de forma individual que levam seus instrumentos para os atos na tentativa de contribuir com a força da manifestação. A participação da musicalidade do baque-virado através de seus batuqueiros evidencia uma racionalidade intencional de transformação dos espaços urbanos a partir da ocupação dos corpos e sons na rua. Os atos de protesto têm sido mobilizações sociais motivadas razões diversas ora ligadas a defesa pela educação, a ciência, aos direitos das mulheres e da comunidade LGBTQIA+. O envolvimento de batuqueiros do Eco da Sapopema na Marcha da Ciência se justificou por grande parte do grupo estar inserido no meio acadêmico. O Pedra Encantada, por sua vez, esteve presente na Parada LGBTQIA+ porque alguns integrantes se identificam dessa maneira.

Para evidenciar a ocupação do baque virado nas ruas, foram selecionadas figuras (ver de 1 a 10) com os principais atos ocorridos em Manaus cuja participação do maracatu foi efetiva.

Figura 1. Baque Mulher do Dia Internacional da Mulher.



Fonte: acervo Baque Mulher Manaus, 2017.

Figura 2. Eco da Sapopema na Marcha da Ciência.



Fonte: acervo Eco da Sapopema, 2017.

Na Figura 1 pode-se observar a participação do maracatu Baque Mulher Manaus na manifestação pelo Dia Internacional da Mulher. Na Figura 2 o maracatu Eco da Sapopema na manifestação conhecida como Marcha pela Ciência, ambas ocorridas em 2017. Importante destacar que as duas manifestações configuram atos globais, pois tanto a marcha conhecida popularmente como “8M” como a Marcha pela Ciência, aconteceram simultaneamente em outras partes do mundo. A participação dos maracatus nas manifestações, em geral, tinha a força de regular as paradas para que os manifestantes gritassem palavras de protesto e reivindicações. Era no intervalo dos toques dos tambores e demais instrumentos musicais que as vozes do povo

EDIÇÃO ESPECIAL:

Dossiê Amazônia, mudanças e realidades contemporâneas



PÁGINA 256

gritando junto exclamavam as mesmas críticas. Ainda vale afirmar que ao final de algumas manifestações houve apresentações culturais dos grupos mencionados.

Figura 3. Eco da Sapopema.



Fonte: acervo Eco da Sapopema, 2017.

Figura 4. Pedra Encantada no Largo São Sebastião.



Fonte: acervo Pedra Encantada, 2017.

A Figura 3 destaca as participações do maracatu Eco da Sapopema nas manifestações contra medidas do governo do então presidente de Michel Temer que discutiam as reformas da previdência em 2017. A Figura 4 mostra a participação do maracatu Pedra Encantada no ato “Cura Não! Orgulho Sim!” que consistia no debate e defesa dos direitos da população LGBTQIA+. Os dois atos aconteceram no ano de 2017.

Figura 5. Parada LGBT de Manaus.



Fonte: acervo Pedra Encantada, 2017.

Figura 6. Basta de Violência Contra a Mulher.



Fonte: acervo Baque Mulher Manaus, 2017.

Na Figura 5 pode-se observar a participação do maracatu Pedra Encantada na Parada LGBTQIA+ de Manaus. Na Figura 6 nota-se o maracatu Baque Mulher Manaus e Pedra Encantada juntos, fortalecendo o mesmo ato que denunciava os altos índices de violência contra as mulheres na cidade de Manaus. Os dois atos também aconteceram no ano de 2017.



Figura 7. Marcha pelas mulheres.

Fonte: acervo Baque Mulher Manaus, 2018.

Figura 8. Manifestação “Ele Não!”.

Fonte: acervo Baque Mulher Manaus, 2018.

Na Figura 7 vê-se mais uma vez em destaque a presença do maracatu Baque Mulher Manaus na manifestação internacional 8M, que ocorre todos os anos. Na Figura 8 esse grupo composto por mulheres vem somando com a manifestação “Ele Não!”, que reuniu pessoas em repúdio aos discursos do então candidato a presidente Jair Bolsonaro que diminuíam os papéis sociais do gênero feminino no Brasil. Essa manifestação reuniu um contingente significativo de pessoas no centro da cidade, pois foi um movimento nacional simultâneo.

Figura 9. Dia Internacional da Mulher “8M”. **Figura 10.** Greve Geral da Educação.

Fonte: acervo Baque Mulher, 2019.



Fonte: acervo Coletivo Difusão, 2019.

A Figura 9 ilustra o Baque Mulher Manaus somando novamente com a marcha pelo Dia Internacional da Mulher. A Figura 10 destaca um momento singular na história dos maracatus em Manaus, os batuqueiros dos três grupos abordados nessa pesquisa, tocando juntos, sem levantar as bandeiras de nenhum dos grupos. Essa atitude demonstra que os batuqueiros de Manaus atribuem importância à educação, deixando de lado as bandeiras de seus grupos para somarem na manifestação que ocorreu nacionalmente, após o anúncio de cortes de verbas destinadas à educação pelo ex-presidente Jair Bolsonaro em 2019.

Tais dinâmicas do maracatu manauara nos levam a perceber que os sujeitos que tomam para si os conflitos da sociedade urbana, através de suas vivências com o coletivo, se organizam na tentativa de fazer resistência, transformando os espaços públicos em alternativas mais igualitárias para vivenciar o urbano através da música. As praças e as ruas do centro da cidade



costumam ser frequentadas por diferentes pessoas, ora como espaços de passagem, ora como lugar de maior permanência, permitindo dar maior visibilidade às manifestações diversas. “A rua se coloca como dimensão concreta da espacialidade das relações sociais num determinado momento histórico, revelando nos gestos, olhares e rostos, as pistas das diferenças sociais” (CARLOS, 2007, p. 51). Durante o trajeto dessas manifestações e/ou no local onde elas se instalam transitam pessoas em diferentes funções. A pesquisa identificou o uso predominante de vias públicas no centro de Manaus como Epaminondas, Sete de Setembro, Eduardo Ribeiro. Nesses eixos de serviços em geral é comum os comerciantes e ambulantes ficarem divididos entre dar andamento a suas atividades ou parar para observar as manifestações. A guarda municipal e o policiamento, por sua vez, se posicionam estrategicamente para monitorar e controlar os manifestantes. As vias ficam interditadas mantendo o fluxo de veículos interrompido por horas. Enfim, as lutas na cidade encontram um espaço-tempo permitido a exibir as tensões sociais.

A participação dos maracatus nestes atos nos remete à questão do cotidiano, das desigualdades experimentadas na cidade, nas formas de morar, nas formas de se alimentar, nos acessos a saúde, educação e lazer, em todos os momentos e espaços que circundam a vida e a sua forma concreta. A presença de integrantes desses maracatus e seus batuques se faz ao se engajarem às lutas presentes na cidade. Dessa forma, “A rua pode ter o sentido da reivindicação, é na cidade que emergem as lutas que se manifestam enquanto movimentos que ganham visibilidade quando tomam os espaços públicos, principalmente os pontos de centralidade” (CARLOS, 2007, p. 53). Ao se juntarem aos demais manifestantes desses atos, sejam esses em formatos de passeatas ou não, os maracatus passam a estar associados a expressões sociais com posicionamentos políticos.

A produção do espaço e a apropriação dos lugares

No mundo globalizado, cada vez mais, o espaço apresenta uma relação entre o local e o mundial, essa relação também pode ser entendida através das manifestações da cultura no espaço. O maracatu, aqui entendido como um exemplo dessa relação, também reproduz os processos de transformação das relações sociais através dos indivíduos que o praticam. É através do cotidiano que podemos entender essas dinâmicas de reprodução das relações e como elas produzem o espaço.

O espaço se produz por meio das contradições de múltiplas relações sociais, apesar de o maracatu estar presente em diversas partes do mundo, as diferentes localidades onde o mesmo é praticado, apresentam dinâmicas e particularidades diferentes. “O espaço não é um produto qualquer, mas um produto das relações concretas do homem em sociedade no transcurso de seu processo de humanização. Este processo ocorre a partir da prática sócio-espacial que o homem vai construindo ao longo do processo histórico” (OLIVEIRA, 2000, p. 191). As manifestações estudadas estão contidas no conjunto das transformações do mundo contemporâneo vivido pela sociedade brasileira, de um modo geral, representam marcos da história política e social de Manaus também.

Logo, se o espaço é repleto de contradições e podemos percebê-las no cotidiano, o maracatu pode ser utilizado como ferramenta de análise dessas dinâmicas, a relação entre o local e o global, a ligação Manaus-Recife, as diferentes formas de práticas sócio-espaciais podem ser explicadas através do lugar na ideia de Carlos (2007, p. 14), quando a mesma afirma que “no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial existe no local, redefine seu conteúdo sem, todavia, anularem-se as particularidades”.



O maracatu praticado em Manaus possui suas particularidades quando comparado com o maracatu praticado em outros lugares, outras espacialidades. Os tambores se tornam instrumentos de luta social, de reivindicação de direitos na tentativa de construção de políticas públicas para diversos grupos minoritários da sociedade. No centro de Manaus, essa expressão cultural vira campo de lutas, e é através da identidade, que os indivíduos se reconhecem nos lugares que frequentam, se entendem como participantes das políticas da cidade, do cotidiano que vivem.

O lugar é produto das relações humanas, entre homens e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece, porque é o lugar da vida (CARLOS, 2007, p. 22).

Por conta desse ativismo, fica cada vez mais difícil separar o lugar de lazer daquilo que se considera o lugar político. As desigualdades sociais são vividas pelos batuqueiros, estes também possuem moradia, trabalho, muitos são universitários e frequentam a região central da cidade para o entretenimento, vivendo a cultura noturna do centro.

Porém, os espaços do centro da cidade de Manaus não são igualmente frequentados por sua população. Ao mesmo tempo que o cotidiano, o espaço e o urbano, reproduzem as relações sociais, também reproduzem desigualdades, a morfologia social que hierarquiza os indivíduos na sociedade (Carlos, 2007, p. 55).

Em Manaus, o maracatu é visto como subversivo para algumas pessoas, os batuqueiros relatam repressões policiais, racismo religioso e diversas outras violências de pessoas externas aos grupos. Até mesmo a presença do maracatu em algumas praças como a do Largo São Sebastião já foi hostilizada, o que mostra que os espaços públicos são hierarquizados e controlados. O Estado decide quem pode e não pode frequentá-los. Portanto, ao ecoar os tambores na rua, o maracatu também impõe sua voz como movimento social e cultural da cidade.

A cidade é um espaço com muitas vozes que expressam falas sob diferentes olhares, uns antagônicos, outros solidários, onde manifestações culturais, políticas se realizam. A rua e os espaços públicos diversos são lugares privilegiados para isso acontecer porque permitem maior visibilidade das diferentes formas de expressão e de posicionamentos perante os acontecimentos na vida urbana, por isso, não sem conflito. “A rua é também o lugar privilegiado da repressão imposta de forma clara ou sub-reptícia em função das estratégias do Estado. Isto fica claro na proibição de reunião de pessoas em áreas públicas, praças, ruas, avenidas” (CARLOS, 2007, p. 56). A contradição aqui consiste nesses espaços conterem ao mesmo tempo o permitido e o proibido.

Os espaços se fragmentam através das formas de apropriação. Os batuqueiros de Manaus, por diversas vezes, se colocam em situações de conflitos em meio urbano, nos lugares onde se discutem os problemas e se formulam as soluções

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As inquietações acerca da origem e das características dos maracatus de Manaus, também da sua relevância no campo político dentro da cidade, além das questões que transpassam suas práticas foram diversamente abordadas ao longo desse texto. Compreendemos que a efervescência de discussões sobre as questões políticas do Brasil nos últimos anos teve papel influenciador na participação do baque-virado nas manifestações na capital amazonense.

O maracatu é fundamental no ativismo político de seus batuqueiros e, apesar de ter surgido como mera brincadeira de amigos, não é um simples batuque, abarca diversos aspectos sociais e



culturais durante sua prática. Trata-se de um movimento que ultrapassa uma expressão cultural musical porque se desdobra em vários segmentos da sociedade através da vivência do cotidiano de seus batuqueiros. A musicalidade e a expressão rítmica do baque virado em Manaus têm origem nos maracatus tradicionais pernambucanos, mesmo distantes dos terreiros desde o início de suas atividades no Amazonas, isso não impede de vir acontecer um encontro do ativismo com a força da religiosidade afro-brasileira no futuro. Apesar de fragilizados no período pandêmico da Covid-19 devido a política do isolamento, a proibição de aglomerações sociais, esses grupos de maracatu estão retomando suas atividades. No atual momento político brasileiro, as contestações estão reduzidas de modo que a pesquisa não acompanhou as possíveis novas manifestações nas ruas e praças do centro da cidade como anteriormente estudadas.

A partir das análises, das leituras e da pesquisa de campo, observa-se que o maracatu de Manaus se distingue do maracatu do Nordeste em diversas particularidades, que são influenciadas pelos lugares onde é praticado. Cada grupo possui suas características próprias, seus ativismos específicos, uns mais participantes e engajados do que outros.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desse trabalho contou com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq por meio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PROPESP da Universidade Federal do Amazonas, e com o Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades da Amazônia - NEPECAB do Departamento e do Programa de Pós-Graduação de Geografia dessa universidade.

REFERÊNCIAS

CARLOS, A. F. A. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007, 85 p. Disponível em: <https://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf> Acesso em: 18 de agosto de 2023.

DOMINGUES, J. L. P. Polifonia de Vozes: o ‘multicultural planning’ como método de avaliação de políticas culturais produzidas no espaço urbano. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 91–100, 2015. DOI: 10.20396/resgate.v22i28.8645783. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645783>>. Acesso em: 01 de janeiro de 2023.

HEIDRICH, Á. L. Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade. HEIDRICH, A. L.; PIRES, C. L. Z. (orgs.). Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016, p. 15-33. Disponível em: <www.lume.ufrgs.br/handle/10183/149928> Acesso em: 14 de fevereiro de 2023.

LEFEBVRE, H. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991a. 216 p.

LEFEBVRE, H. The production of space. Tradução de Donald Nicholson-Smith. Oxford [Reino Unido]; Cambridge [Estados Unidos]: Blackwell, 1991b. 454 p. Título original: Production de l'espace.

MAC CORD, Marcelo. A problemática das “origens” do maracatu Nação. Textos escolhidos de cultura e artes populares, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 7-16, 2008. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12594>> Acesso em: 27 de abril de 2022

GUILLEN, I. C. M. Guerra Peixe e os maracatus no Recife: trânsitos entre gêneros musicais (1930-1950). ArtCultura, v. 9, n. 14, 2007. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1460>>. Acesso em: 23 agosto de 2023.



MARTINS, D. M. Música, identidade e ativismo: a música nos protestos de rua no Rio de Janeiro (2013-2015). Revista Vórtex, Curitiba, v.3, n.2, 2015, p.188-207. Disponível em: <<https://doaj.org/article/8f5aec82e5c541909ac645d7edde221d>> Acesso em: 25 de abril de 2022

OLIVEIRA, J. A. de. Cidades na Selva. Manaus: Valer, 2000. 224 p.

_____. Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso. Manaus: Valer, 2003. 176 p.

SANTANA, P. V. de. Maracatu-nação: Festa na cidade. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2012, 376 p.

